



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

(DES)CONSTRUÇÃO DA LÓGICA ANDRO-HETEROCÊNTRICA NO LESBIANISMO

Maelly Steffny de Souza Silva (1); Marisa Dantas do Rego Barros (2)

(1) Graduanda em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco, membro do Coletivo Feminista

Diadorim, maellyssouzas@gmail.com;

(2) Graduanda em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Pernambuco, membro do Coletivo

Feminista Diadorim, marisa.dantas8@gmail.com;

RESUMO: A criação de categorias políticas de sexo fundou uma diferenciação - ou oposição - entre homens e mulheres, permitindo que a cada uma fossem atribuídos privilégios e encargos intrínsecos ou naturais, desequilibrando, portanto, a harmonia das relações sociais de sexo. É nesse contexto que o homem se coloca em uma posição superior à mulher, mantendo-se nesta posição através da dominação masculina, do sexismo e da fronteira entre os gêneros, além da visão heterocentrada de mundo, base desse sistema de dominação. Por se tornar a base “natural” da sociedade, a lógica andro-heterocêntrica irradia seus discursos e violências em todos os âmbitos da sociedade, inclusive no lesbianismo, que, ao mesmo tempo em que desconstrói essa visão heterocentrada, se apropria do binarismo de gênero nas suas práticas sociais. Maneja-se a pesquisa bibliográfica e a técnica de documentação indireta, com abordagem dedutiva, para investigar como essa lógica produz seus efeitos nas relações sociais de sexo entre mulheres. Destarte, a mulher lésbica, apesar de sofrer os efeitos dessa lógica por ser mulher no espaço público, reproduz, nas relações íntimas, esse paradigma, a partir categorização da sua identidade nos modelos postos - homem e mulher, butch e femme. Assim, a construção da identidade lésbica reproduz o sistema falocêntrico, na medida em que categoriza e diferencia essas práticas dentro do esquema de dominação da sociedade.

Palavras-chave: Superioridade do homem; Heterocentrismo; Machismo; Lesbianismo; Feminismo.

ABSTRACT: The sex political categories creation founded differentiation - or opposition - between men and women, allowing each to be assigned intrinsic or natural privileges and charges, unbalancing, so, the sex social relations harmony. In this context, the man put himself in a superior position to women, remaining in this position by male dominance, sexism and the border between genders, as well as a heterocentric worldview, ground on this domination system. Because it became the "natural" society foundation, the male-heterocentric logic radiates its speeches and violence in all society scopes, including lesbianism, which, at the same time the bibliographic search and indirect documentation technique, with deductive approach, is used to investigate how this logic produces its effects on sex social relations between women. Thus, the lesbian woman, despite suffering the effects of this logic as a woman in the public space, reproduces, in intimate relationships, this paradigm, from categorization of identity models - man and woman, butch and femme. Therefore, the construction of



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

lesbian identity reproduces the phallogentric system, which categorizes and differentiates these practices within the society domination scheme.

Keywords: Man's superiority; Heterocentrism; Machismo; Lesbianism; Feminism.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sua estética, sem se afastar muito da de várias outras freguesas do lugar, embodificava o aspecto masculino comumente estereotipado: cabelo bem curto, quase raspado dos lados, ao estilo militar, camiseta ampla com mangas curtas e de cores escuras (azul marinho e cinza) que invisibilizava as linhas do seu torso, bermudas largas de algodão, de uma cor verde azeitonada, cuidadosamente passada e sapatos náuticos de couro marrom. O perfume de homem e uma pochete preta acompanhavam a indumentária que se completava com a ausência de maquiagem e movimentos endurecidos do corpo, dos braços (LACOMBE, 2006, p. 217).

O patriarcado se encarrega de deslegitimar as sexualidades desviantes do padrão heterocêntrico - e, nesse cenário está inserida a sexualidade lésbica. A inserção da lésbica no meio dos estudos feministas tem sido invisibilizada, pois a crítica feminista, ao mesmo tempo em que denuncia as categorias políticas de sexo, reproduz o paradigma de naturalização da sexualidade heterocentrada. Dentro de relações entre mulheres, considerando serem as duas sujeitas da opressão machista, seria razoável esperar que o machismo não fosse verificado, visto que se dá, no foro íntimo, fora do âmbito de atuação do homem.

Esse artigo problematiza o fato de as relações de poder patriarcais - de superioridade do homem e de uma visão heterocentrada de mundo - se repetem dentro de relações lésbicas, ao categorizar suas identidades e suas práticas. O principal objetivo é verificar a influência da lógica de dominação masculina dentro da lesbianidade e, especificamente, observar as práticas sociais que levam à repetição do andro-heterocentrismo em relações sociais de sexo entre mulheres. Essa discussão se faz necessária para valorizar a desconstrução da identidade de mulheres lésbicas e dar visibilidade à opressões sofridas mesmo de relações entre mulheres.

Discutir o feminismo do ponto de vista da lésbica, mostra a importância do protagonismo e da sua interseção dentro do próprio feminismo. Nesse sentido, entender como



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

as lésbicas reproduzem o binarismo de gênero, ao se apropriar do papel masculino ou feminino, é dar um passo na direção do empoderamento dessas mulheres.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

*I'm a queer lesbian.
Please don't go down on me yet.
I do not prefer cunnilingus.
(There's room for me in the movement.)
Your tongue does not have to prove its prowess
there
to me
now
or even on the first night.
Your mouth all over my body
then there.
(Cheryl Clarke, **Sexual preference**)*

As relações entre as pessoas, no âmbito das relações sociais de sexo, parecem, em todos os casos, se pautar por meio de um duplo paradigma naturalista (ou naturalizado), proposto por Welzer-Lang (2001), a saber: a natureza superior dos homens e a visão heterossexuada da do mundo. Essa falsa natureza superior constitui o cerne da dominação masculina, do sexismo e das fronteiras entre os gêneros feminino e masculino, sendo fonte de criação de categorias políticas de sexo. Por outro lado, a visão heterossexuada do mundo, naturalizada pela sociedade a partir de seu fim – a reprodução –, limita a sexualidade às relações entre homens e mulheres, classificando as demais sexualidades como diferentes ou anormais.

Segundo Wittig (1992), todo sistema de dominação estabelece divisões nos níveis materiais, políticos e econômicos, que são abstraídas e transformadas em conceitos pelos dominadores, e se justificam pelo aspecto natural que lhes é atribuído. Essa divisão, por exemplo, estabeleceu a oposição social entre os papéis de homens e mulheres, fundamentando-se em um possível fator natural ou biológico: o ser macho ou ser fêmea.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Assim, essas oposições, que na verdade são diferenças estabelecidas socialmente, aparecem como dadas, inscrita na natureza das coisas.

É a partir dessa divisão em categorias de sexo – homem e mulher, que se inicia a atribuição (ou restrição) de poderes e privilégios a cada uma delas, desembocando na divisão sexual do trabalho, que ressignificou a ontologia dos seres. Essa categoria de sexo é a categoria política que funda a sociedade como heterossexual, na qual cabe às mulheres a obrigação rígida da reprodução da espécie, além da reprodução da própria sociedade heterossexual. Esse encargo atribuído às mulheres é o sistema de exploração através da qual essa sociedade, heterossexual, se baseia economicamente: a partir do trabalho reprodutivo feito pelas mulheres do qual os homens se apropriam - colocando a elas os trabalhos ligados a essa reprodução: trabalhos domésticos e criação de crianças. (WITTING, 1992).

À mulher, caberia a esfera privada, o exercício de trabalhos reprodutivos (realizado em ambiente doméstico, ao qual não se paga, por ter apenas valor de uso), além da função de reprodução e de cuidado dos filhos; e, aos homens, o trabalho produtivo, que resulta na produção de bens e serviços com valor econômico, exercido na esfera pública e com valor de uso e de troca. Uma vez naturalizadas, essas oposições entre homem e mulher não podem mais ser referidas como sociais, daí seu caráter compulsório, constituindo, assim, um pensamento de dominação de homens sobre mulheres, que impregna todos os discursos do senso comum (BRANDÃO, 1994).

Essa divisão atende a dois princípios: o da separação e o da hierarquização. O primeiro lembra que existe um tipo de trabalho para cada “sexo” - ressaltando a possível existência de uma diferença biológica entre eles. O princípio da hierarquização é o que acusa que o trabalho do homem é melhor e mais valioso do que o da mulher (KERGOAT, 2003, p.1).

O dizer relacional entre corpo e sexo implica em homens e mulheres, nesta divisão natural dos seres em superior e inferior. É a partir do sexo que é criado o corpo: aquele é o catalizador do ser e da identidade do indivíduo. Segundo Navarro-Swain (2000), o sexo-discurso produz corpos aos quais se atribui uma sexo-significação de forma binária e normatizadora, em torno da procriação e em sexualidades que se referem ao sexo originário, o



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

reprodutor. A heterossexualidade compulsória atua como um mecanismo que regula e define práticas e papéis sociais, restritas aos desenhos morfológicos dos órgãos sexuais.

Destarte, a categoria de sexo é produto de uma sociedade heterossexual através da qual os homens se apropriam da produção, reprodução e dos corpos das mulheres. Estas, sexualizadas, estão (ou deveriam estar) a todo tempo disponíveis sexualmente aos homens, normatizando a heterossexualidade em todas as relações sexuais.

Fica claro, portanto, que a dominação masculina é exercida nas esferas públicas e privadas, e é responsável pelos privilégios materiais, culturais e simbólicos atribuídos ao homem. É a atribuição desses privilégios que gera desigualdade: o equilíbrio de poderes é desfeito e cria-se uma hierarquia entre homens e mulheres. Dentro dessa assimetria, criam-se papéis bem definidos dentro do corpo social a cada uma das categorias, relegando funções reprodutivas às mulheres e produtivas aos homens. E, com o objetivo de preservar esses poderes atribuídos aos homens, surgem múltiplas e variadas formas de violência contra as mulheres. Desta forma, para pormenorizar como ocorre essa dominação, o contexto das relações sociais de sexo, ou “entre” os sexos, melhor explica sua instrumentalização.

A categoria política “homem” surge a partir da homosociabilidade, na qual, escondido das mulheres, os meninos se iniciam no erotismo, aprendendo a reproduzir os modelos sexuais, buscando, principalmente, construir sua virilidade, guiados pelos mais homens mais velhos, que os ensinam o *saber ser homem*, impondo a lei dos maiores. Os homens passam, assim, a se dissociar cada vez mais do mundo das mulheres e crianças, definindo o *ser homem* a partir do que seria seu oposto: *ser mulher*. Nesses espaços de ensino monossexuados, a “casa-dos-homens”, o menino aprende a lidar com o sofrimento e incorpora os gestos, movimentos, reações e todas as atitudes que formarão o homem. Essa construção se dá pelo mimetismo de violências, que, inicialmente, são praticadas pelos outros contra si, mas, depois de iniciado, passa a ser contra os outros - tirando de si o medo ao agredir e gozando dos benefícios desse poder sobre o outro (WELZER-LANG, 2001).

O masculino é, ao mesmo tempo, submissão ao modelo e obtenção dos privilégios desse modelo. Segundo Welzer-Lang (2001), o feminino é o foco da rejeição central, sob pena



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

de ser visto como uma mulher e tratado como ela - dominado. Assim, os homens que não reproduzem essa divisão, ou a recusam, são vistos como, simbolicamente, equivalentes à mulher. Isso para que, a partir da ameaça, se enquadrem nos esquemas naturais do modelo de virilidade. A construção da dominação masculina parte da criação do gênero, mas essa hierarquia não se restringe aos homens e às mulheres. Dentro da sua própria categoria, o homem reproduz opressões, por isso não pode deixar de ser feito, além do recorte de gênero, o recorte de classe social e cor. Aos homens brancos heteronormativos, é dado o “topo” dessa cadeia de opressões - os privilégios, e sempre abaixo deles os homens homossexuais, negros e pobres.

A socialização das mulheres segue a mesma linha da dos homens. Meninas são ensinadas, desde muito novas, os serviços domésticos, o cuidado de si e dos outros e a maternidade, além da obrigação de suprir os desejos sexuais do homem. Ancoradas nos arquétipos de Eva - a pecadora vinda de uma costela, da Virgem Maria - a mãe ideal, as mulheres não têm o direito social ao espaço público, não têm a liberdade de sentir prazer sexual e levam consigo o encargo da submissão. Outro paradigma que constrói as relações entre as mulheres é a visão heterossexualizada do mundo. A definição da sexualidade pela categoria psicológica do desejo sexual contribuiu para impor um quadro heterossexual como forma natural de sexualidade. Assim, a lésbica é “aquela que não terá filhos”, “aquela que usa sua sexualidade para o prazer” e “aquela que não se submete a um homem”. Ou seja, a lésbica é a mulher imperfeita, dentro dessa lógica de dominação.

Em consonância com Rich (1993), isso fundamenta o heterossexismo: promoção constante da superioridade da heterossexualidade e da pseudo-subordinação das formas “diferentes” de sexualidade. O homem que não vive dentro da sexualidade heterocentrada é chamado de “passivo”, associado à mulher e tratado, novamente, como ela, visto que ser homem é ser ativo, fundando-se, assim a homofobia. Além disso, o heterocentrismo cria categorias: os dominantes são os ativos, penetrantes, e os outros, dominados, são passivos, penetrados, como categorias sexuais naturais.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Dessa forma, o duplo paradigma naturalista constituído pela superioridade masculina sobre as mulheres e pela normatização da sexualidade masculina produz, conforme Welzer-Lang (2001), uma norma política andro-heterocentrada e homofóbica que informa o ideal do verdadeiro homem. Apenas esse homem viril e dominante pode aspirar os privilégios do gênero, sendo os demais excluídos do grupo dos homens, pertencendo ao grupo dos dominados que compreende as mulheres e as dissidências de gênero e de sexualidade.

Rich (1993), em uma releitura das características do poder masculino sobre as mulheres de Gough (1975), afirma o poder dos homens nas seguintes modalidades: a negação da própria sexualidade das mulheres, com punições e restrições ao exercício; a imposição à sexualidade masculina, colocando a pulsão sexual masculina como um direito; o comandar ou explorar o trabalho das mulheres para controlar sua produção; o controlá-las ou roubá-las de suas crianças, incluindo aqui a violência obstétrica. E ainda: a confinção física ou privação de movimentos, do controle dos seus corpos; o uso delas como objetos em transações masculinas, utilizando as mulheres como presentes ou entretenimento; a restrição da sua criatividade na corporificação da subjetividade masculina nos valores culturais; retirada de amplas áreas do conhecimento e de realizações culturais da sociedade, pela discriminação das mulheres nas profissões.

A crítica feminista denuncia a não existência de uma mulher, mas de mulheres, desconstruindo o ideal naturalizado de gênero e colocando-o como construto social. Assim, as feministas questionavam a superioridade do homem sobre as mulheres, ou seja, a dominação masculina, o sexismo e as fronteiras entre o gênero masculino e feminino, reproduzindo, entretanto, a naturalização da visão heterocentrada de mundo em sua crítica. Ao mesmo tempo que a teoria feminista utilizava da categoria gênero para fazer sua análise, perpetuava essa realidade criticada porque a discussão sempre se passava nos termos de um paradigma binário, reforçando, assim a estrutura polarizada da sociedade (NAVARRO-SWAIN, 2002).

Os paradigmas de gênero e heterossexualidade são parte da homogeneização da realidade social, encobrendo a obrigatoriedade do sexo biológico generizado. As representações sociais exigem a coerência exata entre gênero e sexo, obscurecendo a



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

multiplicidade do desejo. Constrói-se, dessa forma, a heterossexualidade, chave do poder disciplinar e instituição hierarquizada de sexo biológico, papel social e sexualidade potencial dentro do discurso normativo: a reprodução. Apesar dessa estrutura de poder ampla, a crítica feminista limita-se à construção social dos papéis por sua categoria de análise – o gênero, não questionando, pois, os fundamentos desses papéis: correspondência entre sexo biológico e gênero, heterossexualidade compulsória e a construção sexuada dos corpos.

A denúncia desse modo compulsório de exercício da sexualidade, por sua rejeição e ruptura, liga-se à existência lésbica. Como expõe Butler (1990), o lesbianismo é um locus de significação e identidade paródica – butch/femme –, que ilumina a construção social do sex/gender system, e a sua prática sexual a ideia de persona generizada.

É um ataque à dominação masculina e à visão heterocentrada das relações sociais sexuais, que aterroriza não só os homens, mas as mulheres, que - ainda que feministas - reproduziam o ideal normativo heterocentrado da sociedade. Entretanto, ao fazer esta desconstrução, ao invés de desconstruir as duas categorias – gênero e sexo; a crítica feminista reproduzia e justificava de forma inversa: desnaturalizava a heterossexualidade, porém, reproduzia o binarismo de gênero nas suas relações e discussões. Assim, apesar de questionar o heterossexismo, reproduzia o desequilíbrio provocado pela criação das categorias políticas de sexo, na medida em que se molda a um ou a outro na sua performance, recebendo, dessa forma, os privilégios ou encargos de cada categoria. Portanto, apesar da lesbiana ser um conceito além das categorias de sexo, por não ser mulher nos moldes estabelecidos, na prática social incorpora papéis impostos pelo binarismo.

Isto posto, quando coloca-se como objeto de análise os papéis sociais e a sexualidade da butch e femme dentro das relações sociais de sexo, verifica-se que estes reproduzem as violências e hierarquias da oposição criadas outrora, estruturantes da dominação masculina. Por outro lado, ao utilizar-se de categorias heterossexistas em suas práticas sexuais – ativa e passiva, dominante e dominado –, reproduz a visão heterocentrada de mundo, que carrega, por si, só todas as violências e imposições sobre o corpo.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

METODOLOGIA

O método de procedimento é manejado a partir da pesquisa bibliográfica, com o levantamento de bibliografia concernente ao objeto: dominação masculina, categorias políticas de sexo, heterossexualidade compulsória e lesbianismo, fazendo uso da documentação indireta como técnica de pesquisa.

De acordo com as bases lógicas da investigação e a sua aplicabilidade a esta pesquisa, a metodologia de investigação ou abordagem consistirá em realizar uma pesquisa dedutiva. Partindo de um contexto andro-heterocêntrico de sociedade, que coloca o homem em uma posição hierarquicamente superior à mulher e impõe uma heterossexualidade compulsória, verifica-se como essas relações de dominação e poder influenciam diretamente na relações sociais sexuais entre as mulheres.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O exercício do papel atribuído ao homem pela mulher tem diversas implicações dentro das relações sociais de sexo. A criação da categoria política homem surge em um contexto de privilégios e desigualdades, através do qual o homem se coloca em posição superior à mulher e utiliza de violências variadas para a manutenção da sua posição. Assim, a mulher chamada de *butch*, ao assumir esse papel do homem dentro de relações lésbicas repete comportamentos machistas e por vezes misóginos, pois essa é a forma de relacionamento que a sociedade coloca como possível.

Por fugir de todos os padrões impostos às mulheres, as lésbicas foram estigmatizadas e estereotipadas ao longo do tempo para que sua identidade fosse invisibilizada pela própria hierarquia de gênero e pelo falocentrismo vigente na sociedade. A própria psicologia freudiana (que dizia infantil o orgasmo oriundo do clitóris) e a medicalização da sexualidade no século XIX tomaram pra si a tarefa de catalogar, “encaixotar” e hierarquizar as vontades e práticas sexuais em “norma” ou “anormal”. As lésbicas, então, não eram sequer consideradas



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mulheres, visto que um ser mulher só existiria em função de um ser homem - que numa relação lésbica não existe. Ao mesmo tempo, essas mulheres, no âmbito público, continuam sendo mulheres, o que lhes faz sujeito da mesma (ou pior) opressão que as mulheres heterossexuais. Essa incoerência de “oprimir sendo oprimida” é a repetição desse padrão heterocêntrico que é, justamente, o mecanismo do patriarcado para que a opressão das mulheres seja perpetuada.

A prática sexual lésbica é um afronto ao padrão heterossexista e falocêntrico, inclusive no discurso de liberação sexual pautado pelo feminismo. As feministas têm sempre como tema as relações sexuais baseadas em penetração da mulher por um pênis e nas relações de poder homem-mulher em seus relacionamentos matrimoniais e públicos. Do ponto de vista da mulher lésbica, por mais que a opressão machista se dê da mesma forma no campo público, ela se dá de forma diferente nas relações íntimas pois apesar de se relacionarem entre mulheres, as mesmas reproduzem o machismo em suas relações (TOLEDO, 2008).

A lésbica masculina, aquela que por vezes pode representar o estereótipo masculino - chamada de *butch* - é a dominante nos relacionamentos, contraponto-se à *femme*, a lésbica feminina.

Butch: lésbicas que usam roupas neutras ou masculinas, faz o tipo mais durona, toma a iniciativa em boa parte das situações e apresenta uma fachada de autossuficiência. Femme: lésbica mais identificada com vestidos e maquiagem, aparente fragilidade, sedução indireta e comportamento de quem gosta de ser ajudada e elogiada (BRIGHT, 1998).

A *femme* nem sempre é considerada lésbica, por, justamente, fazer jus ao papel de mulher na sociedade - passiva, feminina. Fica claro que, um relacionamento entre essas duas figuras, segue à risca a heteronormatividade que a sociedade espera. Dentro dessa relação, a figura de poder é a masculinizada e a figura dominada e passiva, é a feminizada - repetindo comportamentos que o próprio feminismo visa desconstruir. Desse ponto de vista, podemos notar principalmente dois pontos que se contrapõem: um, de que as relações lésbicas podem repetir comportamentos heteronormativos ou, de que essa visão binária é redutora e esquece



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

que papéis sociais “mulher masculina x feminina” na realidade, não existem, pois as duas figuras são sujeitos da opressão machista (BRANDÃO, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações sociais de sexo, ou entre sexo, reproduzem as relações de dominação da sociedade. Assim é que, a partir da lógica de superioridade masculina e de uma visão heterocentrada de mundo, há um desequilíbrio nessas relações e, conseqüentemente, surgem os polos de opressores e oprimidos. A naturalização dessa hierarquização atinge todas as práticas sexuais: inclusive entre mulheres, destacando-se, essencialmente, a sua categorização identitária dentro desse sistema, de modo a reproduzir suas violências.

Conforme aponta Navarro-Swain (2002), afirmar que a identidade lesbiana deve reivindicar o fazer parte de um contra-imaginário domesticado, possui uma coerência identitária tão ilusória quanto a coerência de gênero. Essa necessidade de definição, como visto, faz parte de um sistema de pensamento falocêntrico, cujo objetivo é criar o campo de exclusão e dominação. Portanto, o lesbianismo não pode constituir uma identidade, sem que para isso reproduza as relações de hierarquia, poder e violência da sociedade patriarcal.

É apenas fora desse binarismo homem/mulher, andro-heterocentrado e homofóbico, que se pode pensar em equilíbrio de poderes nas relações sociais de sexo. Para tanto, é importante que não sejam reproduzidas as normas explícitas ou implícitas do patriarcado, e somente a luta anti-sexista e não heteronormativa produz esses efeitos. O empoderamento das mulheres é a chave para essa desconstrução dada a dificuldade de perceber padrões tão engessados e interiorizados na sociedade.

BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, Ana Maria. Da sodomita à lésbica: o gênero nas representações do homoerotismo feminino. **Anál. Social**, Lisboa, n. 195, 2010. Disponível em



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732010000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 maio 2015.

BRANDÃO, Margarida Luiza Ribeiro. **Mulher e relações de gênero**. Edições Loyola, 1994.

BRIGHT, Susie. **Sexo entre mulheres**. Edicoes GLS, 1998.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble**. Feminism and the subversion of identity. New York: Routledge, 1990.

CLARKE, Cheryl. Sexual Preference. In: **The days of good looks: the prose and poetry of Cheryl Clarke, 1980 to 2005**. Nova York: Da Capo Press, 2006.

GOUGH, Kathleen. "The Origin of the Family". In: REITER, Rayna (Ed.). **Toward an Anthropology of Women**. New York: Monthly Review Press, 1975. p. 60-70.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as Políticas Públicas**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003.

LACOMBE, Andrea. **De entendidas e sapatonas**: socializações lésbicas e masculinidades em um bar. Cadernos pagu, v. 28, p. 207-225, 2007.

NAVARRO-SWAIN, Tania. **Feminismo e lesbianismo: quais desafios?** Abrys: Estudos Feministas. n. 1/2, Jul/dez. 2002. Disponível em: <http://www.glefas.org/glefas/files/biblio/feminismo_y_lebianismo_por_Tania_Navarro.pdf>. Acesso em: 01 de maio de 2015.

_____. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

OKIN, Susan Moller. **Gênero, o público e o privado**. Estudos Feministas, Florianópolis, maio-agosto/2008.

RICH, Adrienne. **Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence**. In: GELP, Barbara C. & GELP, Albert (editores). Adrienne Rich's Poetry and Prose. New York/London: W.W. Norton & Company, 1993.

TOLEDO, Livia Gonsalves et al. Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista. 2008.

WELZER-LANG, Daniel. **A Construção do Masculino: Dominação das Mulheres e Homofobia**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, vol. 9, n. 2, 2º sem. 2001, p. 460 – 482.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

WITTIG, Monique. **The category of sex.** The straight mind and other essays. New York: Beacon Press, 1992. p. 01 – 08.